



José M. da Silva  
Rio de Janeiro/RJ

## Retratos

Um conto pandêmico.

Não conseguia explicar a origem do tal "poder", mas certamente surgiu durante a pandemia. Aos setenta anos, professor de literatura, foi diagnosticado com covid, internado e intubado. Dois meses depois voltou para casa, milagrosamente curado e sem grandes sequelas perceptíveis, a despeito de todas as disposições em contrário do desgoverno negacionista de então. Exceto por um detalhe: olhava para qualquer retrato e "entrava" na fotografia, na vida da pessoa que encarava. Não é que assumisse a personalidade da pessoa; não, não "encarnava" na pessoa. Simplesmente aparecia no local, sempre próximo à pessoa retratada, e interagia normalmente com todos. Desenhos não funcionavam; era preciso ser fotografia. Nada acontecia se enfocasse locais, construções e objetos; só pessoas: homens, mulheres e crianças, vivas ou

mortas. Teria sido alguma "herança" do vírus? Não sabia. E jamais saberia.

A notícia se espalhou, e sua habilidade já fora atestada por quem conhecia de perto os fotografados. Para ele, passavam-se poucos minutos de seu tempo durante a "viagem", mas vivia longos períodos na vida daqueles indivíduos. Como apareceria no local e na época, era sempre uma surpresa: foi menino, menina, homem, mulher, gay, lésbica, teve diversos outros gêneros e orientações sexuais, foi branco, preto, indígena, amou, roubou, matou, esteve em guerras, foi feliz, infeliz, e, o mais interessante, morreu diversas vezes, por diversas causas. Curiosamente, lembrava-se de tudo vividamente quando voltava.

A pandemia já terminara fazia cinco anos, e ainda recebia visitas do mundo inteiro. Virou notícia, dava

84



entrevistas para curiosos e especialistas, e era conhecido como "o velho dos retratos". Jamais cobrou por sua "habilidade", que aparecera de repente e sem sua participação direta; não seria ético. Quando estava no lugar, conhecia pessoas e lugares, divertia-se, era obrigado a refletir sobre os mais diversos assuntos; quando retornava, ajudava a elucidar dúvidas sobre amigos e familiares desaparecidos. Aproveitava a experiência, tão somente; por isso, não se sentiria bem, caso tivesse benefícios financeiros.

Sim, já experimentara a curiosidade de olhar para suas próprias fotografias. Para sua surpresa e decepção, nada acontecia. Concluiu que o tal poder adquirido não poderia ser utilizado em benefício próprio, talvez para que não conhecesse seu próprio futuro. Fazia sentido, mas nunca pôde provar sua teoria.

Certo dia, mostraram-lhe um porta-retratos com talvez a mulher mais bela que vira em todas as suas vidas. Foi informado de que fora uma escritora aparentemente celibatária que morreu com noventa anos de idade, a causa da morte exatamente o que lhe perguntavam então. Urgia vê-la de

perto. Algo inexplicável o movia. Entrou no retrato e conheceu a pessoa mais agradável, interessante, inteligente, bonita, elegante e sensual que já encontrara. Descobriu que, no momento da visita "retratasta", ela morria; retornou e contou tudo à família. Bem, quase tudo.

O problema é que se apaixonara. Pediu a foto de presente, alegando uma razão qualquer. Sempre que ficava sozinho, encontrava-se com ela. Devido a sua habilidade, que desenvolveu ao longo do tempo, começou a encontrá-la bem antes de quando ela já estava no final da vida. Fizeram amizade do outro lado, viam-se frequentemente, apaixonaram-se e passaram a viver juntos. Nada disso foi compartilhado com os solicitantes da época atual. Com reprovação dos moradores do lugar onde ela vivia - tudo se passava no século XIX -, ela decidira viver com aquele homem que aparecera do nada na cidade, supostamente, como lhe dissera, um comerciante bem-sucedido que se retirara da "cidade grande" com suas economias para viver com mais tranquilidade em uma cidade do

85



interior. A história foi aceita. Como era muito benquista e tinha seu sustento devido ao que publicava, deixaram os dois em paz. Ao menos, aparentemente. Foram felizes.

Ela escrevia romances, histórias de amor, algo bem requisitado na época. Celibatária, para todos os efeitos - embora a história real não fosse bem essa -, era admirada pelas mulheres, por definir os padrões do "amor" a ser perseguido pelas "mulheres de bem", ainda que, supostamente, ainda não fosse iniciada nos mistérios práticos da conjunção carnal - o que a tornava algo próximo de uma visionária, uma pitonisa, uma enviada de Deus; os homens não a perturbavam, por não lerem suas obras e as colocarem como "coisa de mulheres", ou seja, nada ameaçador aos bons costumes e a sua posição de poder. Ele, de sua parte, contribuía com algumas sugestões oriundas de sua experiência como professor - e leitor voraz - de literatura. A rigor, em muitas situações, era uma parceria literária, mas ele jamais desejou ou exigiu ter seu nome nas publicações dela, até porque não sabia exatamente como funcionavam as regras dessas "viagens no tempo"; não

queria, nem na mais remota hipótese, arranhar a reputação de sua amada, que passou para a História como uma grande escritora. A bem da verdade, era ela quem arcava com todas as despesas, visto que as tais "economias" acabaram logo; para não o magoar em sua masculinidade, por acordo entre eles, ele recebia uma parte do que ela ganhava com a venda de suas obras, por sua "contribuição literária". Tal arranjo satisfazia os dois.

Tiveram uma vida em comum plena e tranquila, complementada com tudo de bom e confortável que o dinheiro pode comprar. Amavam-se. De corpo e mente. De alma, não sabiam, por serem ambos ateus. E aqui está algo que o deixava bastante intrigado: em seu "tempo atual", relacionara-se com diversas mulheres, mas sua relação com esta mulher do "além" era algo indescritível; era como se fosse algo distinto do que sempre considerara amor, sexo, interesse, admiração, em suma, apaixonamento. Não sabia explicar a razão. Mas por nada abdicaria do sentimento por aquela

86



mulher que tão plenamente o completava em todos os sentidos.

Existia uma coisa que nem ele sabia, e aqui há um fato crucial a respeito de suas "viagens astrais": jamais descobriu o que lhe aconteceria no "final da história", caso permanecesse no lugar e na época; sabia unicamente o que ocorria com quem "visitava". Naquele caso específico, ao encontrar sua amada, no "tempo de lá", ele tinha vinte e cinco anos, e ela, trinta. Ele morreria aos trinta e dois, e ela, aos trinta e sete, ambos assassinados por um ex-pretendente da mulher, insatisfeito com a escolha que ela fizera: um desconhecido de quem ninguém sabia a origem, em vez dele. Ela e o ex tiveram um romance tórrido, conturbado e secreto, que durou quase um ano, encerrado por ela, que, já naquela época, diferentemente de suas contemporâneas, não se submetia a vontades masculinas. Evidentemente, ele jamais aceitou o término e a perseguiu discretamente. Com a chegada do visitante, parecia ter desistido de qualquer espécie de vingança, e ela relaxou a atenção; com isso, nem sequer contou ao novo

amante sobre o ex. Talvez o romance tivesse desfecho diferente, caso ela fosse mais atenta e compartilhasse seu passado com o homem que vivia com ela agora.

Tudo isso explica o fato de ela não ter sido tão celibatária quanto rezam as lendas a seu redor, o que não constitui de modo algum mancha em sua biografia. O problema é que nosso ex-agraciado pelo carinho dela não aceitou ser pretendido, especialmente por alguém de fora da região, algo que acontece até hoje, séculos e séculos além depois. Surpreendeu os dois em seu leito no meio da noite e os matou a facadas.

Durante o tempo que passou com sua amada, às vezes retornava ao tempo atual para ver como estavam as coisas. Ficava pouco tempo e logo retornava. Por morar sozinho e não ter familiares, ninguém estranhou muito suas ausências. Quando retornava, percebia que envelhecia acentuadamente; mal conseguia se locomover, e o apartamento cheirava mal, pois fazia suas necessidades na própria cama, visto quase nunca estar presente para usar o banheiro, tomar banho e

87



limpar o local. Entretanto, sua vida do outro lado era sua prioridade máxima; foi lá que encontrou sua realização ao lado de sua amada, era mais jovem, tinha um futuro promissor ao lado dela e já não ligava para sua vida do lado de cá. Mal sabia que tudo seria abreviado do lado de lá por culpa de um homem violento e enclumado, mas, mesmo na hora da morte, não se arrependeu de ter vivido seu grande amor.

O corpo do velho foi encontrado tempos depois; até onde se constatou, morrera enquanto dormia, em sua cama, naquele apartamento fétido e sujo. Devido a sua expressão facial de profunda dor, deduziram que fora acometido por algo que lhe causou sofrimento extremo em seus minutos finais. Sua morte do lado de cá não refletiu toda a beleza do amor que vivera do lado de lá. Uma pena.

Encontraram em sua mesinha de cabeceira um bilhete, presumivelmente escrito não muito tempo atrás: "Estou amando como nunca amei. O amor me trouxe vida nova. Sou um velho-jovem realizado. Nem sempre o amor acontece em nossa época."

Compreensivelmente, consideraram o texto alguma alucinação de um idoso sem o pleno gozo de suas faculdades mentais. Uma pena.

Foi enterrado aqui e lá como indigente: aqui por não ter quem arcasse com as despesas, lá por ser ninguém. Lá, sua amada foi enterrada com pompas, com o caixão fechado, obviamente. O assassino fugiu e jamais foi encontrado, como sempre aconteceu, sempre acontece e sempre - infelizmente - acontecerá.

[@microstoriesims](https://operamea.weebly.com/)  
<https://operamea.weebly.com/>

